

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Alfredo Colenci Junior

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2019

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista e complementadas pelo entrevistado em 12 de julho de 2020:

O doutor Alfredo Colenci Júnior, atuou na docência das faculdades de tecnologia, de forma pioneira, desde as primeiras turmas da Fatec Sorocaba e Fatec São Paulo, ocupando, simultaneamente, inúmeras funções acadêmicas nessas unidades e contribuindo diretamente em sua estruturação. Atuou também na administração do Centro Paula Souza, sendo seu Vice-diretor Superintendente em duas gestões (1987-1989) e (2000-2004), totalizando, no que pode ser considerado, um período virtuoso da Instituição entre janeiro de 1973 a dezembro de 2010. Foi Chefe de Departamento junto à Fatec-Sorocaba; Coordenador da Comissão responsável pelo Projeto e Implantação de inúmeros novos cursos, tal como o curso de Graduação Superior em Tecnologia, com ênfase em Projetos Mecânicos, na década de 70. Nessa unidade, participou de projetos de expansão da infraestrutura física e da aquisição de novos equipamentos e coordenou o Núcleo de Pesquisas em Saúde e Equipamentos Médicos Hospitalares, que deu origem, mais adiante, a um dos cursos superiores. Participou da fundação da ADFATEC, sendo sua filiação a de nº 17. No período 1987-1989, como Vice-diretor Superintendente, realizou diversos projetos de alto interesse da instituição: a tramitação e licitação seguido da construção e instalação do Laboratório de Computação junto ao Edifício Hipólito, na Fatec SP; a implantação do Convenio Mec/Cedate de Transferência da Tecnologia do Vidro Ótico e de Mecânica de Precisão, que culminou com a visita do diretor da Faculdade de Jena, sr. Dieter Schamberg ao CEETPS e com o envio do Prof. Hélio Nanni, à Alemanha Oriental (Universidade de Jena e Karl Zeiss- Jena), preparando a ida de quatro

docentes da Fatec-São Paulo para uma especialização e, posteriormente, com a vinda de quatro professores alemães para o CEETEPS/Fatec-SP. Dessa iniciativa resultou a criação e instalação do Curso Superior de Mecânica de Precisão, junto à Fatec SP, da qual o Prof. Colenci foi coordenador do projeto de pedagógico. Na sequência, os Profs. Geraldo da Silva, Mário Simões, recém-chegados da Alemanha Oriental, e mais outros da Fatec-Sorocaba, por intermediação e convencimento do Prof. Colenci junto ao Departamento de Mecânica da Escola de Engenharia de São Carlos-USP, rompeu uma barreira que permitiu aos Tecnólogos cursarem os Programas de Pós-graduação das Universidades Públicas, fato que até então não se permitia. Na sequência, docentes das Fatecs de Sorocaba, de Americana e de Taquaritinga também ingressaram no Programa. Rompeu-se assim, o pré-conceito de ser o curso de tecnologia, entendido como 'curta duração'. Neste período foram implantadas, por ações do Prof. Colenci, as Fatecs da Baixada Santista e de Americana, da qual foi presidente da Comissão de Implantação. A Aula Inaugural da Fatec Baixada Santista foi proferida pelo Prof. Colenci, em 11 de agosto de 1988, no prédio reconstruído em 80 dias, do Escolástica Rosa, cedido pela Santa Casa de Misericórdia de Santos, em comodato. Foram também, absorvidas pelo CEETEPS, as Escolas Técnicas Federalizadas (Lauro Gomes, de São Bernardo, Getúlio Vargas, Camargo Aranha, Polivalente de Americana, George Street, de São Caetano e a Presidente Vargas, de Mogi das Cruzes). Nesse período, o Prof. Colenci proferiu palestra sobre Manufatura Avançada e Cursos Superiores de Tecnologia, no Auditório do Anhembi, junto com representantes do SENAI, da FIESP e da Abimaq. Afastado do CEETEPS, no período junho 1989 a 1999, para cursar, como docente do Curso de Engenharia de Produção na EESC-USP, o mestrado e doutorado na EESC-USP, o Prof. Colenci, retorna ao CEETEPS, como assessor, para a elaboração de projeto pedagógico para a educação superior tecnológica. Em seguida assume a AESU e estabelece o Planejamento Estratégico do CEETEPS, com expansão projetada para todo o estado e simultaneamente participa das deliberações para a formulação PPA – Plano Plurianual, 2000, do Governo do estado de São Paulo, do Orçamento formulado pela Secretaria de Planejamento, sob o Prof. Montoro Filho e pela Comissão Legislativa de

Orçamentos do estado, sob a Dep. Piunti o que predispôs cotas orçamentarias para o CEETEPS. O argumento chave para a valorização das atividades do CEETEPS, apresentado e defendido, de maneira oportuna, pelo Prof. Colenci ao Dr. Ruy Altenfelder Silva, DD. Secretário de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, e por ele imediatamente adotado e devidamente encaminhado, foi o de que **‘o CEETEPS representa a melhor alternativa de Inclusão Social deste Governo’**. Este realmente foi o divisor de águas que permitiu o efetivo desenvolvimento institucional. Posso dizer que pela primeira vez nos fizemos conhecer e termos nossas demandas atendidas. De 9 Fatecs, em 2000, chegou-se a 17 em 2004, com perspectivas de expansão que se confirmaram rapidamente. De 1050 vagas semestrais no Processo Seletivo de acesso às Fatecs, passaram-se a 12.500. Na condição de responsável pelas respectivas Comissões, os projetos de criação e de instalação e dos novos cursos: da Fatec Zona Leste, da Fatec Jahu, da Fatec Taquaritinga, da Fatec Ourinhos, da Fatec Mauá, da Fatec Praia Grande, da Fatec Guaratinguetá, da Fatec Sorocaba, da Fatec Botucatu, Fatec Indaiatuba. Foi coordenador do Projeto Israel, de aquisição de Equipamentos e requalificação de laboratórios. Foi presidente da COPERT- Comissão Permanente de Regimes de Trabalho e presidente da Comissão de Vestibular tendo introduzido a possibilidade de isenção de taxas de matrícula e alterando a natureza do evento para Processo Seletivo, com realização num único dia. Foi diretor interino, por 6 meses e, cumulativamente ao cargo de Vice-diretor Superintendente, da Fatec Baixada Santista, ocasião na qual obteve o credenciamento e reconhecimento da Unidade, por parte do Conselho Estadual de Educação. Foi um dos 7 professores fundadores da FAT-Fundação de Apoio à Tecnologia, conforme consta da escritura pública lavrada na ocasião. Idealizou a construção do Edifício Central da Fatec SP, que inicialmente, foi concebido pelo arquiteto Ruy Othake, em metálica, com 15 mil metros quadrados, com o apoio da Cosipa através de seu Programa de Desenvolvimento do Uso do Aço em Construções MultiPavimentos. Infelizmente sua concepção não mereceu continuidade, na troca do executivo paulista, sendo o projeto dividido em 2 módulos para construção em concreto, o que não deixa de ser um benefício. Apoiou diretamente e participou da

implantação do Programa de Pós-graduação do CEETEPS, sendo dele, um dos docentes-pesquisadores. Apoiou a criação e instalação do Curso Superior de Tecnologia dos Materiais da Fatec SP, sendo um dos docentes das primeiras turmas. Incentivou diretamente e participou nas fases iniciais, da elaboração do Plano de Carreira Docente para o CEETEPS, que teve sucesso a seguir.

Ainda na condição de responsável pela AESU, o Prof. Colenci participou do Seminário do Ensino Médio e da Educação Profissional, “A nova educação profissional. CEETEPS – Centro Paula Souza”, que aconteceu entre 7 a 9 de novembro de 2000, no edifício de Engenharia Civil da EPUSP, promovido pela Coordenadoria de Ensino Técnico, sob a presidência do coordenador Prof. Almério Melquíades de Araújo, ministrando a conferência “Educação Tecnológica: princípios e objetivos, uma abordagem sobre experiências nacionais, o caso do CEETEPS”, na mesa redonda “Educação Tecnológica: princípios e objetivos, experiências nacionais e internacionais”. Participou do Fórum USP de Educação, fazendo uma apresentação dos projetos pedagógicos revisados e sistematizados do CEETPS e também de palestra aos diretores da ABIMAQ, mostrando as perspectivas estratégicas dos novos cursos. Foi autor da monografia, junto à AESU: **Diretrizes Pedagógicas para os Cursos Superiores de Tecnologia no Âmbito da Educação Superior do Centro Paula Souza** (1999). Em 1997, articulou com o Prof. Ademir Rubens Potiens, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, as primeiras conversações ainda informais, para a transferência das Escolas Industriais e Agrícolas para o CEETPS, o que veio a ocorrer, posteriormente, de forma pouco planejada e sem a devida cobertura orçamentária. Sua atuação empreendedora e inovadora representou um salto de qualidade no crescimento da instituição, principalmente, nos períodos em que atuou como Vice-diretor Superintendente (1986-1989 e 2000-2004). Ao deixar a superintendência em 2004, dedicou-se à atuação em pesquisa no Programa de Pós-graduação e à docência, como professor-pleno, junto à Fatec Indaiatuba, após realizar novo concurso. Em dezembro de 2010, afastou-se das funções docentes. Foi dezenas de vezes homenageado por seus alunos e recebeu o título de Cidadão de Taquaritinga, em reconhecimento

ao seu trabalho. Representando O CEETEPS fez viagens de estudos ao Canadá, à Argentina e à Universidade de Nevada- Reno, em Convênio com o COPPEAD-UFRJ.

Como curadora, contatei por e-mail o professor Colenci, fazendo-lhe um convite para conceder uma entrevista ao Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: Praça Cel. Fernando Prestes, 74 – sala 11 – Bom Retiro, São Paulo/SP.

Data da entrevista: 14 de janeiro de 2019

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 41 minutos e 16 segundos

Número de vídeos: dois

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 15

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, nos centros de memória institucionais, como o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. Essa entrevista foi realizada em 14 de janeiro de 2019, com o entrevistado Eng. Alfredo Colenci Jr., por este ter participado da docência e da gestão no Centro Paula Souza, em diferentes períodos.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 01 a 03 de julho de 2020

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Leitura e revisão do documento de registro de entrevista pelo colaborador: 12 de julho de 2020

Vídeo um (13 minutos e 16 segundos)

MLMC: Bom dia professor Alfredo Colenci Jr., eu agradeço muito o senhor estar concedendo essa entrevista, para nós, aqui no Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, hoje que é dia 14 de janeiro de 2019, contando um pouco da sua história de vida e da sua trajetória profissional aqui no Centro Paula Souza. Nós gostaríamos, se for possível, que o senhor contasse onde começou, onde nasceu, que escolas estudou e como o senhor chegou aqui na nossa instituição.

ACJr: Eu agradeço a oportunidade e me sinto honrado de ter participado do desenvolvimento dessa instituição, tão renomada, tão querida, e a minha história, é a história de um cidadão brasileiro, filho de ferroviário, que se propôs a fazer engenharia nos anos 60. Nasci em Laranjal Paulista, em 1943, no dia 14 de outubro. Ao terminar o curso científico em Botucatu, como muitos colegas, vim para o cursinho Anglo na rua Tamandaré, em busca de uma vaga no curso de engenharia. Havia uma restrição muito grande de ofertas de vagas e a expansão da indústria já havia sido iniciada. Para falar desse movimento industrial que o Brasil passou, temos que lembrar que na década de 50, houve um esforço muito grande, principalmente, no estado de São Paulo, na construção das usinas hidroelétricas, geradoras da energia capaz de suportar a demanda da industrialização, o que veio a ocorrer na década de 60, principalmente. Um fato a ser registrado, é que tivemos como governador, nessa época, o Dr. Lucas Nogueira Garcez, professor de Eletrotécnica da Politécnica, não por coincidência. No governo Juscelino (presidente Juscelino Kubitschek) pelos trabalhos do GEIPOC e GEIMEC foi feita uma concessão às indústrias que se “arriscassem” a se instalar no Brasil, de bens de consumo duráveis e semiduráveis, dando lhes garantia e reserva de mercado. Dessa forma, recebemos a indústria de bens de consumo de produtos duráveis, petroquímica, e, essa indústria na segunda onda do industrialismo de Alvin Toffler, já com sessenta anos de atraso. A industrialização dessa forma, ela veio pronta, através da oferta de projetos obsoletados dos países de origem do hemisfério norte. E, assim sendo, recebemos ferramentas, dispositivos, desenhos e normas que já não se aplicavam mais no hemisfério norte. Para nós, um grande trunfo e um salto virtuoso em direção ao futuro, mas com falhas

gritantes no planejamento estratégico. Uma das manifestações foi a urbanização desenfreada que aconteceu no ABC e na capital e, a falta de mão de obra especializada em todos os níveis, e o fortalecimento no país da Classe Média. Triste é a constatação de que essa indústria brasileira desta época, não nasceu da Universidade ou dos Institutos de Pesquisa, mas do investimento de recorrência nascido do descarte de equipamentos e de projetos de produtos já descontinuados. Não houve a industrialização como o resultado da manifestação de políticas públicas e das pesquisas nacionais, mas como um oportunismo de resultados sensíveis. Esse fato pode-se dizer, passou a ser uma forte restrição para a evolução da fase do industrialismo, em declínio desde 1990, para a fase do Conhecimento e da Inovação, com tecnologias da informação, nanotecnologias, genômica e automação 4.0, ou seja, prevaleceu-se a dependência. Retornando ao assunto, basta verificar-se que nos cursos de engenharia, dos anos 60, constavam ainda os conceitos de eletromecânica e de eletrotécnica e nos cursos de engenharia civil, ensinava-se a movimentação de terra em lombos de burros com seus carrinhos e, subitamente as demandas mudaram fazendo com que se passasse a oferecer engenheiros para canteiros de obras de plantas industriais e de seus sistemas, e para o gerenciamento de linhas de montagem da indústria automobilística e de eletrodomésticos, caracterizando-se um 'gap' irreparável no curto prazo. Cabe dizer que nessa época, tínhamos a ESAN – Escola de Administração de Negócios e a FEI- Faculdade de Engenharia Industrial, da PUCSP, está oferecendo seus cursos de engenharia plena na rua São Joaquim, no Bairro da Liberdade, em São Paulo. Então sabiamente, o padre Sabóia de Medeiros com o apoio do então prefeito de São Bernardo, Lauro Gomes, homens de visão extraordinária, apresentaram como uma das soluções, a criação dos cursos de engenharia operacional, com formação em 6 semestres, segmentando as áreas plenas de engenharia. É importante salientar que a FEI garantia a continuidade dos cursos operacionais aos níveis de Engenharia Plena, no período noturno, o que significa dizer que em 5 anos letivos poderiam ser obtidas duas diplomações, facilitando o trabalhar e estudar. Por exemplo, a Mecânica contou com os Cursos de Máquinas Operatrizes e Ferramentas; de Refrigeração e Ar-Condicionado; e, de automobilística. A Área de Elétrica, com os Cursos de Engenharia Operacional Elétrica e de Eletrônica. Criou-se o inovador e inédito curso de Engenharia Operacional Têxtil. Essas modalidades passaram a se constituir numa elevada oferta de 430 novas vagas semestrais em cursos de engenharia operacional, com duração de três anos, com módulos semestrais, o que era, sem dúvida, um conceito bastante inovador já nos anos 60, ainda que com considerável atraso. Para suprir o corpo docente lançou-se mão de professores renomados da Escola Politécnica-USP e, nas áreas especificamente industriais, de gerentes da nascente indústria. Muitos professores, entretanto, não dominavam o conceito do que fosse um 'engenheiro operacional' e reproduziam num semestre, os conteúdos anuais de seus tradicionais cursos, o que criou uma situação complexa aos alunos e que exigiu deles, muita criatividade. De fato, uma preparação extra para sua formação e atuação no ambiente de implantação não muito planejada dos novos 'chãos de fábrica', onde a improvisação e criatividade eram fortemente exigidas. Esses cursos, ofereceram bons profissionais, que se deram muito bem no mercado, já bastante ansiado por profissionais de nível para resolver

problemas de 'chão de fábrica'. Ocorreu então, em contrapartida, a manifestação silenciosa e corporativa dos engenheiros plenos, que tradicionalmente vinham atuando fora de sua função específica que deveria ser, preferencialmente, a concepção e a inovação através de projetos e não a atuação direta na fabricação. De fato, não avançamos nessa direção da concepção de novos produtos brasileiros até hoje! Os cursos de engenharia operacional que tiveram sucesso na Universidade Católica, em São Bernardo, pela sua localização próxima aos centros industriais consagrados. A FEI-PUCSP, *campus* São Bernardo iniciou suas atividades nos prédios da Escola Técnica doada pelo governo alemão ao município, em junho de 1963, que passou a se chamar Escola Técnica Lauro Gomes, federalizada, e que depois veio a ser incorporada pelo Centro Paula Souza. Por sua vez, outros cursos semelhantes, provavelmente por má gestão e distanciamento dos centros de produção, como os cursos oferecidos pela Universidade de Brasília, não foram bem avaliados. Ou seja, um curso operacional oferecido em uma região não industrial, enseja uma incompatibilidade em relação às demandas. Parece-me, portanto, que essa razão foi apresentada para se extinguir no Brasil, o concorrente funcional que foi o curso de engenharia operacional, motivado, entre outros fatores pela experiência da Universidade de Brasília e pela intensiva pressão de se autorizarem diversos outros cursos assemelhados em instituições não tão reconhecidas. Então, como prevalecia ainda a necessidade de se oferecerem recursos humanos capacitados em nível superior nas áreas de engenharia, coube aos educadores da época, escolhidos para apresentarem novo projeto, e ao que parece, impregnados da cultura de gestão taylorista fordista e werberiana, propuseram um curso de curta duração de três anos, quadrimestrais, na época, e não semestrais, em áreas que seriam subalternas da engenharia plena, e portanto, seus profissionais estariam passíveis de serem submissos aos engenheiros plenos. Assim surgem os Cursos de Tecnologia, em nível de graduação nas áreas: Construções Cíveis e Edificações, Hidráulica e Saneamento, Pavimentação e Processos de Produção, com a concepção de que os cursos seriam gratuitos, chamados curta duração e terminais, ou seja, cursos que não permitiriam o desenvolvimento sucessivo do profissional, bloqueando sua matrícula, em continuidade em outros cursos plenos, o que mais tarde se mostrou ser uma visão totalmente inadequada principalmente porque o Conhecimento não é estanque.

Em sequência, tivemos a criação da Faculdade de Tecnologia, em Sorocaba, e a Faculdade de Tecnologia de São Paulo e, posteriormente, de um centro capaz de administrar as duas faculdades. Esse centro chamou-se inicialmente, Centro Estadual de Educação Tecnológica São Paulo, que em seguida, teve modificado seu nome para Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Então eu felizmente, passei pelo curso de engenharia operacional, 1966 e 1967, e de engenharia industrial, 1967 a 1969, e em seguida, fiz curso de Administração de Empresas na Universidade Mackenzie (1970-1972), e alguns cursos de especialização. Trabalhei, como estagiário, na Trefil S.A Paulista de Trefilação(1964) e posteriormente (1966-1967) na indústria, agora internacional, a Metalac Ind. e Comércio Ltda. que, incentivada pelo governo federal se associou à United States Steel- SPS/ Unbrako, um renomado conglomerado multinacional, e ali eu pude aprender

realmente, fazendo no chão de fábrica, aquilo que a escola não me havia proporcionado, que foi desde abrir os caixotes advindos de sucatas, instalar os equipamentos e pôr a correr a fabricação, até os níveis de atuação em Engenharia do Produto . Então, o que pude ver e aprender sobre parafusos no curso de engenharia, foi o apresentado nas aulas de Desenho Técnico, com o Prof. Genovesi, que depois veio a ser nosso colega na Fatec SP, e, com o instrutor do Senai- São Bernardo, ao executar uma rosca na oficina. Fui estagiar numa fábrica onde se faziam inicialmente, os parafusos ainda forjados a quente, a 200 peças por hora, fábrica esta que absolutamente não conhecia o conceito de transferência de tecnologia e, menos ainda dominar o pacote tecnológico que foi recebido que, correspondia ao de uma tecnologia de produção de alto volume-PAV, com processamento do aço à temperatura ambiente, numa velocidade média de conformação a 127 peças por minutos. De repente, a indústria foi impelida a contratar 2 gerentes e estes, imediatamente contrataram 7 engenheiros, entre os quais fui incluído, dando início à sua estruturação organizacional (1967). Então, a absorção desse pacote, impactou a engenharia, a ferramentaria, vendas, finanças, etc., e esse foi o grande choque que nós tivemos que absorver, sob a pressão do mercado emergente, e superar, com forte dose de improvisação, criatividade e empreendedorismo. Tivemos a oportunidade de cursar a engenharia plena, em engenharia de produção industrial, à noite, de maneira que quando nós formamos, já éramos chefe do departamento de engenharia do produto nesta mesma empresa.

MLMC: Que ano foi isso professor?

ACJr: Isso foi em 1969, eu já era chefe de departamento. Então esse cabedal nos amadureceu e nos proporcionou uma elevada dose de autoconfiança. Fiz, a seguir, o curso de Administração de Empresas na Universidade Mackenzie (1970-1972), E, em 1973, ao participarmos de um curso de Usinagem dos Metais, com o Prof. Dino Ferraresi, no IPT, recebi um convite do Prof. João Santini Neto, diretor da Fatec Sorocaba, e fui lecionar no curso de tecnologia, modalidade: Processos de Produção. Com grande esforço pessoal e intensidade de estudos, consegui inicialmente, atender a quatro aulas semanais, que me foram destinadas para a primeira turma. A coisa foi tão bem, que no semestre seguinte, passei a lecionar 11 aulas aos sábados, em Sorocaba, morando em São Paulo. Logo a seguir, assumi, na terça-feira à noite, dando aulas de Processos I e II, saindo da Metalac do Km 10 da Via Anchieta para a Fatec Sorocaba, pela Rodovia, em construção, a Castelo Branco, de Fusca. E, ainda, às quintas-feiras a noite na Fatec SP, assumi a disciplina: Processos de Produção II, a convite do Prof. João Mario Csilag, que fora meu professor na FEI e agora colega na Fatec-SP, cumulativamente com o cargo de chefe de departamento da engenharia do produto, na Metalac. Este périplo durou até 1974, quando passei a trabalhar na Mecano Fabril Ltda, (1974-1975), responsável que fui na implantação bem sucedida de uma fábrica de peças por conformação a frio, com tecnologia *cold forming* e equipamentos da Hatebur-Suiça. Para os cursos, no meu caso, como no de outros colegas, foi enriquecedora a nossa participação, pois as tecnologias em implantação nas indústrias nascentes, estavam numa condição muito mais avançada do

que os conteúdos de formação das escolas de engenharia e nós apresentávamos o estado da arte da tecnologia, nas diferentes especialidades, aos nossos alunos. Esse fato lhes conferia enorme vantagem no seu desempenho profissional. Tivemos aqui, diversos outros importantes professores, sempre com a visão de que era o mercado que dirigia o conhecimento, sendo que os cursos então formaram ótimos profissionais, e alguns, cabe ressaltar, chegaram ao nível de presidente de empresa, diretores de Fatecs e Etecs ou, empreendedores-proprietários.

MLMC: Interrupção para checar a gravação.

Vídeo dois (28 minutos)

ACJr: O Brasil nessa época vivia um período de otimismo, onde se achava que ocorrendo um bom gerenciamento conseguiríamos nos tornar uma potência mundial e que deveríamos confeitar um bolo de riquezas para a seguir, distribuí-la socialmente. Esse otimismo extravasava, a partir das pessoas envolvidas com a economia ou com a produção. Oito anos de Metalac me potencializaram a assumir uma função muito maior, que foi a de instalar uma indústria de forjamento à frio, na Mecano Fabril Ltda. Essa indústria era inicialmente voltada para a produção de peças usinadas e, seu proprietário, o engenheiro Valter Strobel, pretendeu produzir peças em aço, conformadas a frio, e, então, fui convidado a assumir esse projeto. No desempenho dessa função, pude viajar pela Europa Ocidental. Estagiei na fábrica de equipamentos Hatebur-Suíça e pude conhecer as melhores manufaturas relacionadas a forjamento a frio de peças em aço, na Itália, Alemanha e França e, em algumas visitas coordenados pela Daimler Benz como também, visitar Feiras Industriais. Instalei essa nova fábrica ao decorrer de 2 anos, e o meu espírito então começou a me aquecer, destacando o caráter empreendedor. Fui buscar o mestrado na Poli, e não consegui combinar mestrado com aulas e com indústria, tranquei! Tendo cumprido meu compromisso com a Mecano Fabril, mudei-me para Sorocaba, com a família, para me dedicar inteiramente à docência. Mas também, em Sorocaba, fui consultor da Moto Peças Transmissões e Engrenagens, sendo responsável pelo Planejamento da Produção e, na Fatec-Sorocaba, assumi mais a disciplina de Administração da Produção e desenvolvi o Núcleo de Pesquisas na área de Saúde e Manutenção de Equipamentos Médico-Hospitalares, com 6 alunos. A partir desse grupo, fizemos vários produtos e serviços de manutenção para o Hospital Leonor Mendes de Barros, sendo que mais tarde, esse grupo motivou a ideia, a outros colegas, de termos em Sorocaba, um curso de tecnologia de projetos de equipamentos médico-hospitalares, que é fortemente reconhecido. Em 1978, participamos, os professores da Fatec Sorocaba e de SP, da elaboração de uma primeira proposta de carreira docente, em reuniões de trabalho no prédio da Fatec-SP que se estendia até a madrugada, que submetida ao Governador Marins, foi aprovada, permitindo os níveis docentes de auxiliar, assistente e pleno.

MLMC: Que período foi isso professor?

ACJr: Isso já foi em 1976 a 1978. Então disso, resultou que a Metalac, de São Paulo se mudasse para Sorocaba(1979), com a minha participação no processo de aquisição do terreno, iniciada em 1974 onde seria construída uma fábrica corrigindo todos os erros e limitações da fábrica de São Paulo. Como eu me transferi para Mecano Fabril, eu me afastei desse projeto, mas sem me afastar das Fatecs: Fatec SP e Fatec Sorocaba. Trabalhei dois anos na Mecano Fabril, instalei essa indústria com sucesso, deixei tudo funcionando, e mudei-me para Sorocaba. Nessa época, o superintendente do Paula Souza, o Prof. José Ruy Ribeiro, havia assinado um convênio com a Cosipa, e veio oferecer o inovador curso na área de tecnologia da soldagem. Ele então, no convenio, criou condições para que colegas nossos se dirigissem à França para fazerem o mestrado em soldagem e metalurgia. Ao retornar, esses colegas deram início ao curso de Tecnologia de Soldagem, em São Paulo. Infelizmente, embora agraciado com o convite, não pude dar sequência a essa bolsa, e não fui à França. Mas como tinha me preparado realmente para ir para França, isso fez, com que eu me mudasse, com a família, para Botucatu, de onde viajaríamos. Em Botucatu, dada a limitação de mercado, eu lecionei em uma Faculdade(UNIFAC) e, realizei consultorias às indústrias, cumulativamente com a Fatec Sorocaba, e, com muita honra, lecionei também na hoje ETEC Domingos Minucucci Filho, do Centro. Nessa ocasião, conversei com o professor Ademir Romeu Potiens, da Secretaria Estadual de Educação, e discutimos, o fato, das dificuldades decorrentes das escolas técnicas do estado estarem submetidas à Secretaria da Educação, que não detinha vocação para tal. E propus a ele, dentro das minhas limitações, que o Paula Souza seria a melhor estrutura para absorver essas escolas.

MLMC: Isso foi em que ano?

ACJr: 1977 ou 1978 acredito. Passo seguinte, essas escolas vieram para o Paula Souza de uma maneira abrupta, não planejada, e criou-se um enorme problema para o Paula Souza, porque não vieram acompanhadas de nenhum critério de qualidade ou nenhum plano de aceitação: prioritário ou escalonado, e, pior sem o devido suporte orçamentário, o que levou o Paula Souza a uma quase insolvência brutal e danos à sua imagem. A partir de 1994, penso. Da minha parte então, continuei na Fatec Sorocaba, residindo em Botucatu e, retornei a convite, à Metalac- Sorocaba em 1979, para onde nos mudamos de volta, onde fiquei até 1982. Inicialmente como Engenheiro Chefe, até 1981 e depois, num processo de reengenharia organizacional, como Gerente de *Marketing* da Linha de Produtos *Standard* e vi, então, condições de fazer o mestrado na Escola de Engenharia de São Carlos-USP na área de Engenharia de Produção. Fui contratado pela Escola de Engenharia de São Carlos (1980) para lecionar, ao mesmo tempo, que para lá me dirigia para cursar o mestrado, juntamente, com as funções da Fatec Sorocaba à noite, e da Metalac o dia todo, com licença da Diretoria para estudar, às sextas feiras. Então, como se percebe, a carga ficou intensa e isso foi até que eu terminasse as disciplinas da PG. Quando chegou ao ponto de encerrar a pesquisa e de escrever a

dissertação de mestrado, eu solicitei demissão da Metalac (1982). Pela segunda vez atuei na Metalac Ind. e Comércio (1979-1982) e mudei me, com a família, para São Carlos, passando a viajar então, o trecho Sorocaba-São Carlos durante cinco anos, acompanhado, todo esse tempo do nosso colega da Fatec Sorocaba, o Prof. Celso Villela de Figueiredo. Conclui o mestrado (1985) e a Metalac me convidou para montar o Instituto Tecnológico de Fixação- ITF, que seria uma instituição sem fins lucrativos, dedicada a sistematizar e desenvolver o conhecimento de fixação mecânica por elementos rosqueados, oferecendo soluções de projeto, capacitação profissional e ensaios mecânicos, coisas do tipo. Não houve uma grande aceitação das outras indústrias em patrocinar o Instituto, com exceção da empresa Mapri Parafusos e do Sindicato da Indústria de Parafusos, mas, confirmou-se a necessidade de se oferecer capacitação aos profissionais e distribuidores de elementos de fixação, dado que pouco ou quase nada se ensina nesta importante área do conhecimento. Fizemos nessa época, um projeto FINEP, que nos permitiu adquirir uma máquina de ensaios de fadiga e uma máquina de ensaios de vibração transversal para elementos rosqueados, e permitiram inúmeros projetos e assessoria às montadoras principalmente. Fizemos dois eventos nacionais de tecnologia de fixação, dois seminários nacionais e um seminário no Rio Grande do Sul, o 1º FixaSul, onde discutimos as questões de tecnologia de fixação mecânica, isso de 1985 a 1987. Pela 3ª. vez então pude atuar na Metalac (1985-1987), agora como consultor. Ao final de 1986, fui convidado a participar das eleições para compor a lista tríplice para a escolha do vice superintendente do Centro Paula Souza. Incluído nessa lista tríplice, fui escolhido pelo governador Franco Montoro, e em março de 1987, eu assumi aqui, a vice superintendência do Centro Paula Souza. Na época, nós tínhamos como diretor o professor José Ruy Ribeiro, já há 17 anos no cargo, com uma aposentadoria anunciada para alguns meses, a frente. Encontramos no Centro Paula Souza uma série de projetos, vamos dizer, engavetados, parados, e a necessidade premente de se construir o Laboratório do curso de Processamentos de Dados na Fatec SP. Nós tínhamos uma demanda de 67 alunos por vaga, isso em 1987. Não tínhamos o laboratório, mas tínhamos o projeto. Então encorajei os colegas e fomos atrás da solução na busca de verbas governamentais. Devido à Lei de Informática, em vigor no Brasil, tivemos que adquirir equipamentos Cobra, e fizemos convênio com a Unisys e, instalamos aqui no átrio do Edifício Hipólito, o primeiro Laboratório de Informática do Centro Paula Souza. Tínhamos outro projeto importante do MEC/Cedate que era um projeto relativo à transferência de tecnologia do vidro óptico, e isso geraria no Centro Paula Souza um curso de Tecnologia de Mecânica de Precisão. Isso pusemos a frente, e trouxemos um técnico do IPT, dentro desse convênio, conseguimos mandar o Prof. Hélio Nani para a Alemanha Oriental, na Carl Zeiss AG, e de lá trouxemos o diretor da Carl Zeiss para São Paulo, para conhecer as nossas condições. Passo seguinte, foi mandar para a Alemanha Oriental os nossos professores Geraldo da Silva, Mario Simões, e mais dois outros que eram ex-alunos, e na sequência, trouxemos quatro professores alemães para o Brasil, e demos início ao Curso de Tecnologia de Mecânica de Precisão, inédito no país. Com o passar do tempo, a demanda se mostrou insuficiente e o curso se transformou-se em Manufatura Automatizada. Em 1988, a pedido do diretor superintendente, o

Prof. Oduvaldo Vendrametto, coordenamos o desenvolvimento do projeto pedagógico do Curso Superior de Instrumentação, a ser instalado na futura Fatec de São Caetano (ETEC Jorge Street), que foi submetido, aprovado e não instalado à época.

MLMC: Isso, em que ano?

ACJ: Isso foi em 1988 e 1989. Então nós implantamos o curso de Tecnologia de Soldagem, o curso de Mecânica de Precisão, e fizemos o Laboratório de Processamento de Dados. Instalamos a Fatec Baixada Santista, que era uma reivindicação muito antiga do deputado Nelson Lara, e conseguimos, para tanto, com um esforço muito grande, reconstruir no edifício cedido pela Misericórdia de Santos, junto à Escolástica Rosa. Reconstruímos o prédio em 4 meses, e o equipamos e em agosto de 1988, eu tive a honra de dar a aula inaugural na Faculdade de Tecnologia da Baixada Santista. Também tínhamos aqui o projeto da Fatec Americana, nomeamos uma comissão de implantação, da qual eu fui presidente, e indiquei um professor da Unesp, o Dr. Carlos Roberto Espíndola para ser o diretor *pro tempore* para sua implantação com o também inovador Curso de Tecnologia Têxtil, inicialmente compartilhando espaços e infraestrutura com a Escola Técnica Polivalente, que fez muito sucesso. Mas ainda, nesse período, fizemos a implantação da FAT - Fundação de Apoio a Tecnologia. Era um projeto muito discutido aqui na escola, na Fatec SP, mas pouca ação se verificou. Então sob a minha orientação, escolhemos mais seis colegas, animados pelo Prof. Éboli, eu, e mais outros cinco, e lavramos a escritura pública da Fundação de Apoio a Tecnologia e a ela destinamos espaço para atuar preliminarmente.

MLMC: Professor, eu quero só interromper um pouquinho para fazer uma pergunta: - na dissertação de mestrado do Marco Anselmo de Godoy Prezoto, eu encontrei que o escritório piloto, ele foi criado, em 1987, quer dizer primeiro vieram seis escolas conveniadas em 1981?

ACJr: Sim, as Escolas Técnicas Federalizadas que funcionavam no estado de São Paulo.

MLMC: Isso. E, depois, vieram as 96 escolas industriais e agrícolas estaduais, essas escolas vieram com problemas estruturais? E por isso foi criado o escritório piloto?

ACJr: Essas escolas federalizadas, elas tinham um nível de competência muito alto, acima até do que o Centro Paula Souza poderia oferecer. As escolas, Camargo Aranha, a Lauro Gomes, a Getúlio Vargas, e outras já mencionadas, eram escolas modelo, ao vir para o Centro Paula Souza, podemos dizer que houve uma perda, e que elas tiveram que se adequar ao que o Centro Paula Souza, podia oferecer, às nossas limitações. Mas, mesmo assim, o Paula Souza deu uma respirada e cresceu na perspectiva da Educação Técnica, uma novidade na época.

MLMC: Então era para as nossas escolas mesmo, que foi criado o escritório piloto?

ACJr: A situação com as escolas estaduais se tornou complexa e exigiu uma intervenção do governo estadual. Nesse período eu não estava no CEETEPS. Sei que houve uma mudança na Superintendência e a introdução do Prof. Marcos Monteiro, que com algum esforço recompôs a Instituição. Quanto ao Escritório Piloto tive pouca relação funcional, pois estava direcionado para o ensino das Fatecs.

MLMC: Obrigada.

ACJr: Aconteceu que por uma questão de relacionamento com o superintendente da época, em junho de 1989, eu pedi exoneração da função de Vice-diretor Superintendente, e fui para a Escola de Engenharia de São Carlos, como Auxiliar de ensino, e lá, cursei o mestrado (1985) e o doutorado (1992). Ao terminar o doutorado, coincidentemente, o Paula Souza estava nessa ebulição, em função de receber as 96 escolas técnicas. Passados dois superintendentes aqui na instituição, a situação era um pouco complexa administrativamente, o que resultou uma intervenção, com a vinda do professor Marcos Monteiro, que com determinação e competência, conseguiu sanear esse sistema. Entre 1994 e 1999, foi esse período mais crítico do Centro Paula Souza, com 96 escolas, sem orçamento, escolas recebidas goela abaixo, sem nenhum planejamento para recebê-las de maneira sistematizada. Então, em 1998, já na USP, eu procurei o Secretário Emerson Kapaz, que se encontrava em São Carlos para inaugurar a fábrica de motores Volkswagen, ocasião em que me apresentei, dialogamos sobre o Centro e me coloquei a disposição e, imediatamente ele agendou uma reunião comigo. Vim ao Palácio dos Campos Elíseos, com um projeto que formulei e pude apresentá-lo com minha visão do que poderia vir a ser o Centro Paula Souza. Ele foi muito receptivo e aceitou com muita admiração e na sequência, abriu um Processo Administrativo e o encaminhou ao professor Marcos Monteiro (esse Projeto lhe entrego agora). Depois de algum tempo, o Prof. Marcos me recebeu, pude expor as ideias e, fui convidado a participar de um grupo de estudos aqui no Centro Paula Souza. Estava em vias de me aposentar na USP, e fiquei quase um ano como assessor, segundo convenio USP/ FIPAI- CEETEPS, e fiz um projeto chamado “Diretrizes Pedagógicas para os Cursos Superiores de Tecnologia do Centro Paula Souza”. Foi a primeira vez que nós contamos com uma proposta de sistematização para um curso superior do Centro Paula Souza. Por exemplo, nós tínhamos o curso de Processos de Produção, com 2960 horas, na Fatec SP e, o mesmo curso em Sorocaba, com 2640 horas, não havia o mínimo de aproximação de disciplinas, ementas, objetivos e de metodologias e, isso nos levou a buscar o estabelecimento de normas e de regras. A principal regra na ocasião foi estabelecer a duração do curso com 2300h, mais 400 horas de estágio e, mais o trabalho de conclusão de curso. Com isso se eliminava a queixa corrente da denominação de *curso de curta duração*, e aproximava da duração à dos cursos de engenharia, e, também atendia aquilo que estabelece o Mercosul para cursos de graduação, que é uma duração de 2700 horas. Então, coisas desse tipo que foram feitas. A

grande dúvida na ocasião, é que nós contávamos com nove Fatecs, e a questão se resumia em como impressionar ou justificar a nossa mantenedora sobre a nossa importância institucional? E o estalo que nos veio, foi que nós éramos a melhor alternativa de inclusão social que o governo dispunha. Passei essa ideia ao secretário de desenvolvimento Dr. Ruy Altenfelder Silva, que imediatamente a passou ao governador Geraldo Alckmin, que a incorporou na sua proposta de governo e nas suas campanhas vencedoras e, o Centro Paula Souza passou a merecer uma atenção especial do governo, pela importância que ele realmente representa, e nesse período de 2000 a 2004, nós fomos de 9 para 17 Fatecs. Dessas novas Fatecs eu fui presidente do projeto de implantação e responsável pelos projetos pedagógicos dos cursos, e pudemos oferecer cursos inovadores, como: Logística, Agronegócios, Produção com especialização em Plásticos, Produção Industrial, Tecnologia de Materiais, e Tecnologia da Informática voltada para Gestão Empresarial. Assim, posso dizer que todos esses cursos foram da nossa iniciativa, como presidente das respectivas comissões de projetos e de implantação. Instalamos a Fatec Zona Leste, uma demanda muito forte da zona leste, que contava 5,7 milhões de habitantes e não tinha nenhuma escola de nível superior público. E o Centro Paula Souza foi pioneiro em oferecer essa escola, como foi pioneiro em oferecer uma Faculdade Pública em todo litoral paulista (Fatec Baixada Santista). Nesse período, fui convidado pelo Prof. Dr. José Carlos Trindade, presidente do CRUESP e Reitor da UNESP, para compor a equipe de Pró-Reitores das Universidades Públicas cujo tarefa era a de apresentar um estudo relativo à expansão do ensino superior no estado através das 3 Universidades Públicas e do Centro Paula Souza. O estudo relativo à expansão das Fatecs foi adotado e apoiado totalmente, com base nas vocações regionais e das cadeias produtivas do estado. Submetido ao Sr. Governador, em outubro de 2001, deu origem à instalação de novos *campi*. Também, na época fui membro da Comissão de Estudos para implantação do campus Unesp em Sorocaba, sobre a presidência do Prof. Prigenzi, ex-Vice-diretor Superintendente do Centro, cujos trabalhos foram aprovados e o novo campus, instalado.

MLMC: Professor uma pergunta: - quando esses cursos foram criados, cursos novos, os currículos são criados junto com empresas, têm empresas que solicitam os cursos? Como funciona?

ACJ: Nós fizemos um levantamento bibliográfico, uma aproximação com o que existia fora e dentro do Brasil, e são cursos inovadores, o curso de Tecnologia de Logística, foi o primeiro curso superior oferecido no Brasil. A Fatec Baixada Santista foi a primeira escola pública oferecida no litoral brasileiro. Então são pontos que o Centro Paula Souza acumula como inovadores. Felizmente, a gente faz parte desse processo. Pelo meu trabalho aqui, na ocasião, como mencionei, o professor Marcos reconheceu o meu trabalho, e me colocou como coordenador da AESU, uma assessoria, e me colocou, já sendo Vice Superintendente, como responsável pelas Fatecs, entre 2000 e 2004. Então, esse período, mostra o ponto de inflexão do crescimento do Centro Paula Souza. Ele vem, ao longo de sua existência institucional, do crescimento lento e linear para o crescimento exponencial. Na sequência, a partir de 2004, a professora Laura Laganá deu, com sucesso, continuidade administrativa e à

sua representatividade, promovendo o crescimento e às adequações estruturais e pedagógicas do Centro Paula Souza. Hoje nós estamos perto de 80 unidades de Fatecs, e com crescimento das Etecs, da Capacitação Profissional, do Ensino a Distância, o que é excelente.

MLMC: Professor e como é que foi o seu ingresso aqui na Pós-graduação do Centro Paula Souza?

ACJr: Aqui, eu fui um dos elementos que colaborou diretamente na implantação da PG. A professora Helena Gemignani tinha já o projeto e nós, na condição de Vice Superintendente, a apoiamos na definição do espaço físico e na implantação. Comecei como professor da primeira turma, em 2003, lecionando junto com a professora Helena, trabalho muito bem-feito e com outros colegas. Uma das dificuldades superadas foi a de se estabelecer o conceito de pós-graduação em um ambiente de cursos de graduação em tecnologia. Esse fato foi justificado pela opção de Curso de Mestrado Profissionalizante, um conceito ainda incipiente na ocasião e foi um avanço na nossa estratégia de atuação. Antes disso, conseguimos uma primeira vitória ao colocar alunos egressos das Fatecs para cursar pós-graduação *Stricto Sensu*. Os primeiros professores da Fatec SP, de Sorocaba, de Americana e de Taquaritinga foram admitidos no curso de pós-graduação de Engenharia Mecânica na Escola de Engenharia de São Carlos-USP, com a minha intervenção. Até então, havia um forte impedimento, preconceituoso, que era relativo ao entendimento de se tratar de curso de curta duração, e como tal, não era para se fazer PG. E nós conseguimos quebrar essa barreira, levando os professores- tecnólogos de São Paulo, Mario Simões e Geraldo da Silva, e outros. Na época também, desenvolvemos e fomos agraciados, com o patrocínio de um Projeto Fapesp feito em parceria da PG- CEETEPS com a PUC-Campinas para desenvolvimento de cursos EAD,

MLMC: Inclusive, teve um período, acho que na década de 80, que os tecnólogos faziam o curso de licenciatura até pela dificuldade de entrar para fazer Pós-Graduação, e talvez tivesse relação com essa curta duração.

ACJr: Muitos tecnólogos optaram por cursar engenharia ou administração, como um segundo curso e não em continuidade. Isso porque era o curso que era tido como curso terminal e, pode-se dizer, criou barreiras para os nossos profissionais, o que era inadmissível. Como tínhamos afinidade com a Escola de Engenharia de São Carlos, onde lecionava e estudava, nós conseguimos colocá-los lá. O passo seguinte, foi a admissão dos tecnólogos nos Programas de PG da Unesp de Guaratinguetá e em outros, como a Unicamp e USP-SP.

MLMC: Professor, na época do Prof. Arnaldo Laurindo, já se ofereciam os cursos Esquemas. Os tecnólogos faziam o curso Esquema, equivalência ao de licenciatura para fazer Pós-Graduação?

ACJr: Não para fazer Pós-graduação, mas para lecionar nas escolas técnicas. Eu cheguei a lecionar nesse curso oferecido na Escola Técnica de Sorocaba por 2 anos. Nessa época não se cogitava em Pós-graduação, ou raramente se

cogitava. A Fatec SP mantinha um Departamento de Educação que administrava esses Cursos de capacitação, com as Profas. Helena, Esméria Rovai e outros.

MLMC: Esse curso era oferecido em Sorocaba?

ACJ: Sim, na ETEC Rubens de Faria e Souza.

MLMC: Essa informação eu não tinha, eu não sabia.

ACJ: Terminado o meu mandato na segunda gestão (2000-2004), eu voltei para a sala de aula, e lecionei na Fatec Indaiatuba e na PG, até 2010, quando parei de lecionar. Eu já estava me sentindo deslocado em relação do perfil do aluno de graduação, para falar a verdade.

MLMC: E atualmente?

ACJr: Eu lecionei nas escolas particulares, na UNIBAN-Rudge Ramos, UNICSUL-São Miguel, na UNIP-Ribeirão Preto, na UNIARA em Araraquara, e na Moura Lacerda-Ribeirão Preto e Jaboticabal. Nas Fatecs, lecionei em Sorocaba, São Paulo por mais tempo, e em Taquaritinga, Jahu e Indaiatuba, fato que me deu ampla visão do ensino superior público e do privado. Finalmente eu fui nomeado Secretário de Planejamento e, depois de Desenvolvimento Econômico e de Tecnologia do município de São Carlos, em 2013 e 2014, e nessa ocasião eu tive a oportunidade de levar a bom termo um projeto que estava aguardando, há 38 anos, e que conseguimos implantar: uma Fatec para São Carlos. Essa ideia de associar inclusão social, qualificação profissional, eu acho que é a palavra-chave que motiva o crescimento da instituição.

MLMC: Professor, eu quero agradecer muitíssimo o senhor ter concedido essa entrevista para nós do Centro Paula Souza. Eu vou transcrevê-la e encaminhar para o senhor, com os termos de autorização para publicá-la. Certamente nós vamos fazer outra entrevista. Essa é a primeira, mas será com mais detalhes, a sua experiência é vasta, inclusive como Secretário de Ciência e Tecnologia, que é nossa área, onde estamos inseridos, mas esse apanhado geral vai contribuir muito para os nossos estudos de história da educação profissional e tecnológica no Centro Paula Souza.

MLMC: Muito obrigada, professor.

ACJr: Peço desculpas por ter empregado o pronome 'eu', tantas vezes, mas quero deixar claro que nada disso fiz sozinho. Quero agradecer fortemente os colegas da AESU, do Gabinete, da docência, aos servidores se modo especial, pelo apoio e participação todo o tempo. Obrigado, conte comigo.

Descritores

História oral de vida
História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Administração de Empresas
Alvin Toffler
FEI-PUCSP
Universidade Mackenzie
Lauro Gomes
Padre Sabóia de Medeiros
Geraldo Alckmin
Lucas Nogueira Garcez
Laura Laganá
Metalac Ind.Comércio Ltda.
Mecano Fabril Ltda
Engenharia Operacional
Engenharia Industrial
Engenharia de São Carlos/USP
Emerson Kapaz
Ruy Altenfelder Silva
Senai
Fatec SP
Fatec Sorocaba
Fatec Baixada Santista
Fatec de Americana
Etec Dr. Domingos Minicucci Filho
Escola Escolástica Rosa
Tecnologia em Mecânica de Precisão
Laboratório de Processamento de Dados
FINEP
República Democrática da Alemanha (Oriental)
Franca
José Ruy Ribeiro
Marcos Antonio Monteiro

Carlos Espíndola

Mario Simões

Décio Moreira

Helena Gemignani Peterossi

Esméria Rovai

Alfredo Colenci Júnior

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Dados Biográficos do Entrevistado



Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 11/04/2019.

Alfredo Colenci Júnior é doutor em Engenharia Mecânica pela Escola de Engenharia de São Carlos/USP (1992). Mestre em Engenharia Mecânica pela EESC/USP (1984). Administração pela Universidade Mackenzie (1971). Engenharia de Produção Industrial Mecânica pela FEI (1969). Engenharia Operacional Mecânica pela FEI (1967). Professor titular do Centro Paula

Souza, atuando em capacitação tecnológica, gestão do conhecimento para a inovação, competitividade sistêmica, educação tecnológica e gestão acadêmica. Foi vice superintendente na gestão do professor José Ruy Ribeiro, e quando este se aposentou, tornou-se o superintendente do Centro Paula Souza, entre 9 de outubro de 1988 a 31 de março de 1989.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História

da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017) e Espaços, Objetos e Práticas (2018), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem